

POR UMA ARQUEOLOGIA SENSORIAL DO PENSAMENTO HUMANO¹

Etienne Samain²

Resumo: *O que representa a imagem na “espiral” dos meios de comunicação que chegamos a conhecer? Eis a razão do mergulho a que se propõe essa comunicação. Tratar-se-á, basicamente, de uma reflexão em torno da imagem, de suas diversas enunciações, das suas memórias, das suas formas e representações: desde as narrativas míticas até as propostas infográficas. Uma reflexão sobre os meios e os modos de se comunicar entre os seres vivos mas, também, outra reflexão sobre as modalidades de construção e de organização do pensamento humano.*

Palavras-Chave: *Pensamento selvagem e pensamento domesticado; Imagem falada e imagem escrita.*

Para nos situar

Sempre me interessaram questões referentes às relações e às singularidades existentes entre os meios e suportes da comunicação humana (a fala, a escrita e os mais recentes dispositivos imagéticos e audiovisuais). Tais interesses se explicam. Tive, pois, três grandes chances na minha vida intelectual e humana. A primeira foi o fato de poder conhecer culturas muito diferentes (culturas européias, culturas sul-americanas e, nelas, culturas indígenas). A segunda, de ter descoberto que a comunicação humana é fundamental em cada uma delas, embora possa ser efetivamente muito diversificada. A terceira chance foi a de ter podido formar-me sucessivamente no ofício de exegeta, de antropólogo, de comunicólogo procurando circunscrever, hoje e a partir dessas ferramentas, alguns novos instrumentos metodológicos e próteses heurísticas capazes de entender um pouco melhor tanto as

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Epistemologia da Comunicação” do XV Encontro da Compós, na Unesp, Bauru, SP, em junho de 2006

² Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – Brasil – samain@unicamp.br
Departamento de Cinema (DECINE)

modalidades da comunicação visual modernas como as sociedades que delas vivem e em torno das quais se organizam presentemente.

A proposta desta comunicação é rica e complexa de tal modo que, no âmbito deste ensaio, devo previamente delinear algumas fronteiras do território que pretendo explorar. Partirei da minha experiência antropológica quando, no meio de duas comunidades indígenas brasileiras, estudava os seus mitos, isto é, essas narrativas, essas falas puras e simples, de extraordinária sofisticação intelectual. Direi-lhes, primeiramente, como os próprios índios no meio dos quais convivi durante longos meses (os Kamayurá do Alto Xingu e os Urubu-Kaapor das cabeceiras do Rio Gurupy), falam de seus mitos, como procuram circunscrevê-los e designá-los. Poderei, com base nisto, lhes dizer, num segundo momento, como esta aproximação com a natureza dos mitos me ajudou a repensar a escrita, este outro meio singular de comunicação humana no qual nasci e dentro do qual cresci. Este duplo percurso me permitirá, espero, acrescentar algumas reflexões em torno da imagem e da memória enquanto peças e presenças constitutivas em todo e qualquer meio da comunicação humana, tradicional ou moderno.

“Vozes vindas de muito longe e que se deve escutar” e “Moroneta”

Os índios Kaapor parafraseiam de uma maneira muito expressiva o que costumamos chamar de “mitos”. Para eles, os mitos são “essas vozes vindo de muito longe e que se deve escutar”. Três observações que merecem destaque: 1) os mitos são “vozes”, são “ditos”, são “palavras”, “enunciados”; eles não são “escritos”, “textos”, “livros”; 2) vozes “vindas de muito longe”: o que significa que, por necessidade, o mito pertence a um tempo e a um espaço que não são e não podem coincidir com o tempo e o espaço presente. Para que haja mito, é necessário instaurar um distanciamento temporal e espacial, da mesma maneira que para constituir e poder reverenciar uma divindade qualquer, é preciso afastá-la o suficiente do convívio dos simples mortais. O mito, deste modo, não pertence apenas à ordem do sagrado. Faz parte do mundo e da sabedoria dos deuses; 3) É essa sabedoria, este “desígnio” originário, “que se deve escutar”, respeitar e *moroneta* (*r*).

Os índios Kamayurá, por sua vez, utilizam a palavra “moroneta”, um conceito mais abrangente e genérico, para designar toda forma de explanação, antes de tudo verbal e narrativa, mas que pode ser, também, de ordem visual e pictórica. É por essa razão que, por exemplo, um desenho traçado sobre o chão (para evitar pronunciar o nome-tabu de uma pessoa) ou uma “fotografia”, serão, também, qualificados por eles de *Moroneta*. Tal correspondência semântica me parece reveladora. Significa que, para os Kamayurá, “mitos, desenhos, fotografias” são, todos, “réplicas” de uma exemplaridade primordial ou, melhor dizendo, os *Moroneta* são, à semelhança das fotografias, como espelhos que refletem para a comunidade presente não somente os modelos e os arquétipos passados, mas uma realidade de uma realidade distinta do “real” no qual mergulham os homens. Com outras palavras, ainda, os *Moroneta* não são a realidade e sim, as representações e as figuras desta realidade, aquilo que remete a um original, geralmente fora do alcance humano, sem o qual os homens não poderiam, todavia, existir. Os mitos (narrativas, ditos, falas) são os alicerces ideológicos e existenciais das sociedades sem escrita. De tal modo que se quisermos conhecer uma sociedade indígena, devemos primeiramente mergulhar nos seus mitos, “escutar essa vozes vindas de muito longe”, ouvi-las e, na medida do possível, chegar a identificá-las.

Após essas primeiras considerações acerca da concepção que os índios podem ter de seus mitos³, seria até interessante apontar para algumas das funções dos mitos, mas isso nos levaria muito longe. Numa outra oportunidade, poderemos eventualmente voltar a refletir sobre as funções dos mitos nessas sociedades sem escrita.

“Pensamento selvagem”: pensamento nascido da “percepção e da imaginação”

Penso, é verdade, ser mais profícuo - precisamente na linha das “designações” que tanto os Kaapor como os Kamayurá nos deram dos seus mitos – aprofundar a natureza (quem sabe até algo da essência?) dessas extraordinárias elaborações intelectuais e criações poéticas do chamado “pensamento selvagem” (não digo pensamento “dos selvagens”, mas pensamento ao “estado selvagem”), isto é, marcado e construído em torno de uma outra lógica [lógica do

³ Marcel Detienne (1988) fala da distinção entre uma palavra-dialética (a da filosofia) e uma palavra poética (a dos mitos). Em outros termos, uma palavra-conceito e uma palavra-imagem.

palpável, do sensível, do sensorial], uma lógica diferente da nossa lógica abstrata, racional. Lógica do *bricoleur* diferente da lógica do *engenheiro*.⁴ Uma lógica que Claude Lévi-Strauss definiu muito bem no seu primeiro capítulo do *Pensamento selvagem* precisamente intitulado “A ciência do concreto”, nesses termos: o assim chamado pensamento selvagem representa um

modo singular do pensamento *científico* [...] ajustado ao nível estratégico da *percepção e da imaginação* [...] nível estratégico do conhecimento científico [...] muito próximo da *intuição sensível* (Lévi-Strauss, 1962:24) [grifos nossos].

Insisto sobre a dimensão *científica* do chamado pensamento “selvagem”, que Lévi-Strauss, com razão, reivindica, face a um evolucionismo que não acabou de existir e que pensa, ainda, dever confinar os “selvagens” à infância de uma humanidade, quando os países, ditos desenvolvidos (no entanto denominados, ou do “primeiro”, ou do “segundo”, ou , até, de um “terceiro” mundo), representariam, hoje ainda, outras “fases” necessárias, outros patamares obrigatórios de desenvolvimento de toda e qualquer sociedade humana.

Para concretizar essa questão, proponho um exemplo preciso, que o leitor apressado poderá deixar de lado. A questão é simples: como falamos das abelhas e como os índios nos falam das abelhas? Com outras palavras: se a “classificação” representa *uma* das múltiplas operações lógicas, presente em todos os espíritos e em todas as culturas humanas, não classificamos, no entanto, o universo das abelhas, de uma maneira única. Sem ser zoólogo de formação, eu sei que na cultura da *escrita*, elas (as abelhas), na sua multiplicidade, variedade e beleza, terão direito a uma precisa nomenclatura que, utilizando raízes - preferencialmente gregas ou latinas - as distribuirão em necessárias famílias e subfamílias. Assim, saberemos que “a superordem dos himenopteróides (insetos portadores de asas) agrupa duas ordens de insetos de importância muito desigual: os himenópteros que ultrapassam os 280.000 mil

⁴ Explico-me. Tive a felicidade de conhecer e de conviver com um avô paterno “Bricoleur”. O que significa ser “bricoleur” e fazer “bricolage”? No *meio das sucatas* de seu velho ateliê, o meu avô tinha inventado maquinarias loucas que me fascinavam, das quais me explicava o mecanismo com um entusiasmo juvenil. Havia notadamente esta alucinante corta-papel de embrulho para rolos de grande metragem. Uma máquina cuja estrutura feita com velhos canos de água segurava horizontalmente um rolo de papel Kraft de mais de 80 quilos; um sistema de eixos e de rolamentos ativados por correntes de bicicleta, que debitava suavemente a tira de papel a ser cortada e, finalmente, emergindo das entranhas da máquina um fio conduzindo uma lamina de barbear que seccionava o papel como a cutela certa de uma guilhotina. Quando procuro circunscrever este homem cheio de recursos, de magias e de espírito, me vem à mente a figura do “bricoleur”, esse engenhoso artista e criador sutil, de que fala Claude Lévi-Strauss no seu *Pensamento selvagem*.

espécies das quais algumas como as vespas, os marimbondos, as abelhas ou as formigas que são conhecidos por todos, e os estrepsípteros, que reúnem duzentas espécies de insetos estranhos, profundamente degradados pelo parasitismo” (*Encyclopaedia Universalis*, 1970, vol, p.665 e seguintes). Essa definição, decerto, me impressiona, mas, confesso, não chega a me inspirar, menos ainda a me interessar e a me cativar. Prefiro - na companhia dos próprios índios, isto é, desses seres “não-letrados”, próximos, todavia, da “percepção, da imaginação... e da intuição sensível” - descobrir como, desta vez, *eles classificam* as abelhas. Pois eles distribuem as abelhas, levando em conta outros critérios não menos significativos: a época do ano, quando elas aparecem (estação seca ou estação das chuvas); o sabor do mel deixado por elas (muito açucarado ou até, um tanto azedo); o fato de que o ferrão de alguns tipos de abelhas bate feio mesmo, quando a picada de outras é sem grande consequência. Perguntariam-me se já observei esse outro fato, a saber, que algumas famílias de abelhas instalam sua colméia dentro da árvore e outras, fora dela? Iriam, com certeza, mais longe ainda, para saber se, por acaso, tinha notado que algumas outras espécies de abelhas dirigem a saída do enxame através de um canal aberto para o alto da colméia, outras para o baixo, outras, ainda, para o meio? Eis a *ciência* do concreto e do sensível, que fazem.

Rompendo com um evolucionismo ainda vigente, Lévi-Strauss, na época, insistia, dizendo: tanto “eles” (os chamados “selvagens”) como “nós” (os chamados “civilizados”), somos, ambos, capazes de pensar *cientificamente*. São apenas os caminhos da construção e da elaboração da ciência que são diferentes (assim como complementares, acrescentaria). É bom lembrar que *O Pensamento selvagem* representava para o pai do estruturalismo francês uma “pausa” necessária antes de iniciar o seu fabuloso empreendimento que representam os quatro volumes de *Mitológicas*, através dos quais procura demonstrar – partindo de um mito Bororó (Brasil) e analisando finalmente mitos do oeste canadense, que a “terra dos mitos é redonda”, isto é, que um mito (ou parte dele) remete, sempre, a um outro mito (ou parte dele). Devemos, todavia, ir adiante e considerar outros marcos deste mundo mítico.

Ao entrar, de fato, no universo dos mitos, vocês descobrirão pelo menos dois componentes fundamentais e constantes. Os mitos, de um lado, nos falam sempre de questões muito sérias da existência humana: do amor, do trabalho, do ciúme e do adultério, da água, do milho e da farinha, da morte, da natureza, dos bichos terrestres, celestes e dos peixes, dos espíritos, das

estrelas e das constelações... projetando, sobre as coisas mais simples do entorno de uma comunidade questionamentos e reflexões seriíssimas. De outro lado, os mitos falam aos nossos sentidos e, sem cessar, interpelam nosso imaginário: não somente eles estão cheios de imagens [são verdadeiros cenários cinematográficos] como sempre provocam nossos sentidos e, mais ainda, nosso imaginário. Os mitos são reservatórios da sensorialidade e da sensualidade humana⁵. São os caminhos que conduzem não somente aos deuses mas ao conhecimento. Eis que avançamos em direção à questão do conhecimento e correlativamente, à questão da comunicação.

Dos perceptos aos conceitos: o pensamento domesticado

Tentei, até agora, evocar um quadro global a partir do qual espero situar melhor alguns outros questionamentos relativamente ao que poderia vir a ser uma arqueologia sensorial do pensamento humano, do pensamento imagético em particular.

Se, com efeito, soube-se delinear até hoje um conjunto de importantes reflexões tanto relativas ao “pensamento selvagem” (Claude Lévi-Strauss) quanto em referência ao “pensamento domesticado” que para Jack Goody (1977), não é senão sua própria “razão gráfica” (isto é, o advento da escrita e, com ela, de outras possibilidades de operacionalidade cognitiva e lógica) há de se perguntar porque permanecemos ainda tão pobres quando se trata de situar na gênese, na intersecção e na culminância desses dois meios da comunicação (a fala e a escrita), um terceiro: o imagético. Se apontar, aliás, para este último, é, sem dúvida, porque ele ressurgiu, hoje, com as extraordinárias potencialidades que as novas tecnologias visuais lhe proporcionam, mas é também consciente de que a situação permanece mais instigante ainda quando procuramos saber o que são e como serão conduzidos pelas futuras maquinarias do saber esses outros canais da comunicação humana como a audição, o olfato,

⁵ Ao falar de “sensorialidade” e de “sensualidade”, coloco, nesses termos, o que Claude Lévi-Strauss traduzia por “percepção” e “imaginação”. Quero insistir, no caso, sobre os componentes físicos (nossos órgãos sensoriais) e nossas incríveis capacidades, sensíveis e imaginativas, de apreender, evocar e reconstruir os fatos e representações do “real” que nos circunda.

o paladar, o tato e as maneiras com quais se relacionam entre eles, em especial com a fala e o visual .

Se como Goody ao qual acabei de me referir, admito e defendo que existem fatores determinantes lógicos do pensamento humano, pergunto-me se devemos procurá-los apenas do lado das “tecnologias do intelecto” (Jack Goody, 1977: p.57. 244 e 252) ou se, na perspectiva aberta por Lévi-Strauss, que lembra a importância da “percepção e da imaginação” no surgimento do pensamento *tout court*, não deveríamos, *também*, buscar esses fatores determinantes lógicos *nos próprios sentidos* que geram essas percepções e, como tal, alimentam e organizam o pensamento humano. Afirimo, deste modo, que podemos efetivamente atribuir a noção *lato sensu* de “lógica”, da ciência européia, a essa forma de pensar.

Sem cair em uma banalização da importante questão em pauta, poder-se-ia fazer esta dupla reflexão preliminar. De um lado, sabemos que, antes de ter conseguido ler e escrever, nós nos comunicávamos já através do olfato, do paladar, do tato, da audição e da visão. Melhor dizer: podíamos já “pensar” esse mundo, “construí-lo” singularmente. A *visão*, em particular, estimulou, em todos os tempos e para todos os homens e sociedades um imaginário decisivo no que diz respeito à constituição dos mecanismos cognitivos e organizacionais do pensamento humano.

Parece assim que, por ter conquistado sucessivamente a fala e a escrita⁶, o homem devia quase que relegar a uma condição subalterna o exame dos próprios *dispositivos sensoriais* da comunicação humana e das intencionalidades lógicas que, muito provavelmente, estruturam-na internamente. Será que poderemos nos dar conta, um dia, de que o “pensamento

⁶ Falando do advento da *escrita*, Goody, Jack. *La logique de l'écriture. Aux origines des sociétés humaines*. Paris: Armand Colin, 1986 [Versão portuguesa: *A lógica da escrita e a organização da sociedade*. Lisboa: Ed. 70, 1987] nos perguntaria: como e quais foram as mudanças das sociedades humanas perante a escrita, em termos de “economia”, de “direito”, de “religião”, de “formas de governo?”. Nos convidaria a refletir, por exemplo, sobre o fato de que todas as grandes religiões do mundo atual são religiões do “livro” e, por causa disto, digladiam-se, não por acaso. Nos permitiria pensar o fato de que, no meio às comunidades indígenas brasileiras remanescentes (sociedades ágrafas, trinta anos atrás), nem se falava de “territórios”, nem de “heranças”, nem de “legados”, de “testamentos” devidamente registrados em cartório. Saberíamos ainda que, com o advento da escrita, nossas sociedades tornaram-se “burocráticas”, cultivando, não por acaso, carimbos, pareceres e as sinfonias de papéis nem mesmo reciclados. O que será de nós, num futuro próximo, quando, com razão, acredita (re) mos no potencial dos novos suportes e das possibilidades da comunicação humana?

infográfico” – o qual, com certeza, definirá e será o princípio de organização de nossas sociedades amanhã – origina-se de um pensamento imagético muito mais arcaico que, após ter mergulhado durante séculos nas configurações lógicas da fala e da escrita, nutrindo-se delas ininterruptamente, reaparece e se produz nas infinitas potencialidades da maquinaria comunicacional moderna?

Mas outro aspecto deveria, também, ser considerado nesta revolução cognitiva da qual participamos. É o seguinte: os meios de comunicação modernos, cuja marca produtiva é a racionalidade, são, hoje, os maiores veiculadores de emoções, de sonhos e de conteúdos psíquicos⁷ que, talvez, refiram-se, deste modo, a aspectos mais arcaicos da mente humana. Nesses meios visuais da comunicação moderna, os mitos, em novas formas, estão perfeitamente vivos, o que nos remete àquela visualidade anterior, direta (não mediatizada ainda por máquinas), quando, em simbiose com a fala pura e simples, foi - durante milênios- o lugar sagrado da comunicação humana.

Dizia-lhes, há pouco tempo, que íamos avançar em direção à questão do conhecimento e, correlativamente, à questão da comunicação. Estou chegando lá. Penso, assim, acerca deste momento importante de emergência de todo conhecimento humano, isto é, quando passamos dos perceptos para os conceitos. Vou tentar ser o mais claro possível, fazendo apelo precisamente a experiências que vocês viveram e, recorrendo, casualmente, a dois mitos.

Duas experiências:

- Posto - como vocês -ante essas novas tecnologias do ver e do saber, é que me lembro que, ainda criança tinha primeiro *avistado* o mar antes de *nomeá-lo* e dele poder *falar*, e que foram precisos muitos outros longos anos para que pudesse *escrever* o seu pequeno nome.

- Outra experiência. Valeria a pena se perguntar porque o que “foi visto” no sonho, imperativamente apela à “fala” do sujeito do sonho (e, eventualmente, do analista), na tentativa precisamente, de dar *sentido* e *significação* a essas construções do imaginário e do inconsciente humano.

⁷ Refiro-me em especial às “novelas” das televisões nacionais, do Brasil e de alhures.

Duas referências míticas:

- Semelhantemente e desta vez, focalizando mitos de criação (em especial, mitos que nos falam, entre outras coisas, da “origem” do conhecimento e da comunicação), é interessante observar que o tema da “nomenclatura” das coisas do mundo pelo homem está no princípio de muitos mitos e, mais ainda, que tal “nomenclatura” se faz com base em desenhos ou modelagens/esculturas, *imagens* prévias dessas coisas. O Deus dos Dogon “desenha” (Calame-Griaule, 1965: 505-526), investindo os seus desenhos de seu pensamento criador. Depois, ele *leva* os seus desenhos para os homens e são eles que os decifram e os *nominam*.

- O mais velho relato bíblico da criação (*Gênesis* 2, 4ss), por sua vez, toma uma mesma direção:

O Senhor *formou*, pois, o homem *do barro da terra* e *inspirou-lhe no rosto um sopro* de vida e o homem se tornou um ser vivente [...]. O Senhor Deus disse: “Não é bom que o homem esteja só; eu vou lhe dar uma *vis-à-vis* que lhe seja semelhante. Tendo, pois, o Senhor Deus *formado da terra* todos os animais do campo, e todos os pássaros do céu, *levou-os para o homem, para ver como ele os havia de chamar e todo o nome* que o homem pôs aos animais vivos, *esse é o verdadeiro nome*. O homem pôs o nome a todos os animais, a todos os pássaros e a todos os animais dos campos; mas não achava para ele uma *vis-à-vis* que lhe fosse adequada. Então o Senhor Deus mandou ao homem um profundo sono; e enquanto ele dormia, tomou-lhe uma de suas costelas e fechou com carne o seu lugar. E *da costela* que tinha tomado do homem, o Senhor Deus *construiu* uma mulher e *levou-a junto do homem* (que, então, a *nomeia*, dizendo): “Eis agora aqui o osso de meus ossos e a carne de minha carne; ela se *chamará* mulher...”

Esta narrativa bíblica é, decerto, de uma poesia e de uma delicadeza admiráveis. Mas, também, de uma singular profundidade heurística, o que nos faz entender, que toda aquisição de conhecimento concretiza-se mediante e através de dois atos complementares de comunicação: de um lado, um ato *imagético* – soberano e divino - de *construção* e de *configuração*, ou melhor, dizendo, de *criação* e de *animação* (quer seja através de um

desenho, de uma escultura, de uma modelagem ou de um sopro); de outro, um ato de observação, de declaração e de nomeação da figura reconhecida.

No princípio da fala e da escrita: imagens e memórias de imagens

A palavra nasceu da imagem. A escrita nasceu da imagem. Ambas devem sua existência e sua eficácia à imagem.

Falei, há pouco tempo, de Lévi-Strauss e de Jack Goody, dois antropólogos que prezo muito, por terem aberto um significativo caminho de compreensão tanto do “pensamento selvagem” - o da percepção e da imaginação - na perspectiva de Lévi-Strauss, como do “pensamento domesticado” - pela escrita - do ponto de vista de Goody. Resta conhecer e descobrir, neste momento, uma outra pesquisadora que, com eles, convida a outras interpelações heurísticas em torno da imagem, da fala e da escrita. Chama-se Anne-Marie Christin e propõe-se dizer:

“O alfabeto é a escrita dos etnólogos”, acrescenta, todavia, Anne-Marie Christin, Professora da Universidade de Paris VII-Denis Diderot e autora de um livro cujo título (*L’Image écrite ou la Déraison graphique*) remete diretamente ao título da versão francesa (*La Raison graphique. La domestication de la pensée sauvage*) da obra de Jack Goody (*The Domestication of The Savage Mind*).

Christin reverencia Goody e Lévi-Strauss. Constata, no entanto, que a tradição ocidental praticamente sempre concebeu a escrita como sendo uma codificação, necessária e socialmente sistematizada, de palavras individuais e voláteis; uma espécie de partitura que ordena as músicas um tanto cacofônicas dos vivos.

Há de se perguntar o que explica o fato de que [...] a idéia de pensar a escrita, para aquém deste alfabeto que, literalmente, caiu do céu [...] permaneceu no Ocidente, por tanto tempo, desprovida de interesse. Menos ainda se podia imaginar que existiria uma filiação entre escrita e imagem. (Christin, 1995: 24; ver também: Christin, 1989).

Para Christin, a escrita não reproduz a palavra, ela a torna visível. Acrescenta:

A mutação da imagem para escrita confirma, de forma bem clara, mas também bastante enigmática, uma observação, no entanto, simples: o *espaço* é o único *dado formal* que permanece idêntico em cada uma delas. Como se fosse ele, o espaço [que ela qualifica ainda de “fundo”, de “quadro”, de “vazio capaz de

engendrar uma forma inédita”, de “tela”], o único dado formal que se constituísse, para ambos, em um princípio comum e que, até mesmo a redução da *figura num signo* se devesse a ele (Christin 1995:17) [grifos nossos].

Com base nessa instigante maneira de poder (re) pensar os meios de comunicação que conhecemos e aqueles que não de vir, terminarei com três reflexões.

- 1) a fala será sempre uma *memória* de imagens; a escrita será sempre, desta vez, uma *memória de memória* de imagens. O que diremos, deste modo, das “memórias” embutidas nos nossos computadores?
- 2) A escrita não é outra coisa senão uma *grafia*. Se aquilo que procuramos dizer dela com relação à “imagem” tem sentido, valerá a pena perguntar o que representam a *fotografia*, a *cinematografia*, a *videografia*, a *infografia*, em termos heurísticos.
- 3) Se o “surrealismo” teve o mérito de nascer, de existir e de sobreviver, ele nos confirmará em breve que, de fato, existe entre uma “árvore” e um “guarda-chuva, isto é, entre duas imagens, uma *forma* que, independentemente de nós, *pensa*. As imagens são - sem necessariamente a nossa mediação - “formas que pensam”. Eis uma outra história que teremos que discutir, no futuro, com Rudolf Arnheim mas, também, com Gilles Deleuze, Jacques Aumont, Philippe Dubois, Georges Didi-Huberman, Jean-Luc Godard e Aby Warburg.

Bibliografia:

- Calame-Griaule, Geneviève. - 1965- **Ethnologie et Langage. La parole chez les Dogons.** Paris: NRF- Gallimard.
- Christin, Anne-Marie. - 1989 – “Pensée visuelle et Civilisation de la Parole”, in **Zinbun: Memoirs of the research Institute for Humanistic Studies** . Kyoto: Kyoto University, nº 23, p.1-18.
- Christin, Anne-Marie. - 1995 - **L’image écrite ou la déraison graphique**, Paris: Flammarion (Idées et Recherches).
- Detienne, Marcel. – 1988 – **Os mestres da verdade na Grécia Arcaica.** Rio de Janeiro: Zahar.
- Goody, Jack. - 1977 - **The Domestication of the Savage Mind.** Cambridge: Cambridge University Press.
- Gaumont, R. – 1970- Artigo “Hémiptéroïdes” in **Encyclopaedia Universalis.** Paris: Encyclopaedia Universalis, vol. 8, p.665 e seguintes
- Lévi-Strauss, Claude. - 1962 – **La Pensée Sauvage.** Paris: Plon.
- Samain, Etienne. - 1994 - "Oralidade, escrita, visualidade. Meios e modos da construção dos indivíduos e das sociedades", in **Perturbador Mundo Novo. 1492-1900-1992. História, Psicanálise e Sociedade Contemporânea** (Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo [Org.] e Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho [Coord.]), São Paulo :Escuta,. p.289-301.
- Samain, Etienne. - 2000 - “Mito e História Oral”, in **Resgate. Revista de Cultura**, Campinas: Centro de Memória, nº 9, p.11-18.